

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

TIAGO ANDRADE CAMPOS

**Andarilhos de estrada: breves considerações sobre a relação entre crise do
trabalho e errância**

São Paulo
2022

TIAGO ANDRADE CAMPOS

Andarilhos de estrada: breves considerações sobre a relação entre crise do trabalho e errância

Versão original

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos de Almeida Toledo

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C198a Campos, Tiago Andrade
Andarilhos de estrada: breves considerações sobre a relação entre crise do trabalho e errância / Tiago Andrade Campos; orientador Carlos de Almeida Toledo - São Paulo, 2022.
51 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Andarilhos. 2. Pessoas em situação de rua. 3. Crise do trabalho. 4. Mobilidade do trabalho. 5. Errância. I. Toledo, Carlos de Almeida, orient. II. Título.

Autor: Tiago Andrade Campos

Título: **Andarilhos de estrada: breves considerações sobre a relação entre crise do trabalho e errância**

Orientador: Prof. Dr. Carlos de Almeida Toledo

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Carlos de Almeida Toledo

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Prof. Dr. Erick Gabriel Jones Kluck

Instituição: Universidade Federal de Vitória

Julgamento: _____

Luciana Niro de Souza Passos

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer coisa, tenho que agradecer meus pais José e Rita, as pessoas mais importantes de todo esse processo e que com toda sua simplicidade, amor e apoio proporcionaram a concretização de tudo isso. Desde a 1ª série do ensino fundamental caminhavam diariamente por quilômetros sob sol ou chuva e não mediram esforços para que eu tivesse a oportunidade que eles não tiveram. São e sempre serão as minhas maiores motivações.

Agradeço também meus irmãos, Kelly e Jonas, que por três vezes me proporcionaram ser tio dos meus três pequenos amores: Davi, Lorena e Asafe. Sem dúvidas, os responsáveis por meus maiores momentos de felicidade.

Deixo registrado ainda toda a minha gratidão e carinho por minha querida Fernanda, grande parceira de todos os momentos, a maior apertadora de gatinhos que existe e por quem tenho imensa admiração. Cada uma de nossas conversas, sejam elas sérias ou apenas as brincadeiras, incentivam-me cada vez e fazem com que as dificuldades fiquem cada vez menos sofríveis.

Não posso deixar de agradecer também ao meu orientador, Prof. Carlos de Almeida Toledo, que para mim será o eterno Carlão, pessoa que desde as primeiras aulas se tornou uma das minhas maiores referências na Geografia. Muito obrigado pela paciência, críticas e conselhos desde os trabalhos das disciplinas de graduação até esse último texto que encerra essa trajetória.

Tenho que mencionar ainda duas pessoas que, apesar de não nos vermos há muitos anos e quase não nos falarmos nem mesmo pelos meios digitais, conheço há tantos anos e sempre se mostraram bastante solícitas em diversos momentos de lamentações e alegrias: Luciana e Monique.

Agradeço também aos docentes do Departamento de Geografia, pois, cada uma de suas aulas fizeram parte deste trabalho e tiveram grandes influências em minha trajetória acadêmica, pessoal e também como artista, estes, sem dúvidas, farão parte de muitos momentos de minha vida. Estendo esse agradecimento também aos funcionários do DG e de toda a FFLCH, principalmente aqueles responsáveis pela limpeza.

Por fim, deixo registrado meu eterno agradecimento às minhas gatinhas, seres que na inocência e simplicidade de suas existências fazem com que toda essa jornada seja menos difícil e muito mais acalentadora.

“Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.”¹

¹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

RESUMO

CAMPOS, Tiago Andrade. **Andarilhos de estrada**: breves considerações sobre a relação entre crise do trabalho e errância. 2022. Trabalho de Graduação Individual (Bacharelado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Andarilhos compõem uma fração da população em situação de rua que têm como característica central os constantes deslocamentos pelos acostamentos de estradas e rodovias. As motivações para “aderirem” a tal condição são variadas e interligadas, porém, nota-se que os fatores econômicos, principalmente relacionados ao trabalho, apresentam destacada influência. Diante disto, entender a relação desses sujeitos com o trabalho foi a base para a realização da presente pesquisa, tendo como pressuposto a direta ligação entre mobilidade, mobilidade do trabalho, crise do trabalho e errância. Baseada nessa hipótese, a pesquisa buscou se fundamentar em revisões bibliográficas que discutissem as temáticas relacionadas ao trabalho e também que abordam discussões acerca dos andarilhos, bem como na realização de trabalhos de campo visando o contato direto com essas pessoas por meio de entrevistas que tiveram grande importância em seu desenvolvimento. De acordo com o observado nas leituras e também nos trabalhos de campo, há uma estreita relação entre errância e questões relacionadas ao trabalho, principalmente no que diz respeito a crise do trabalho. Em todas as entrevistas realizadas houve relatos destacando a influência e importância que o trabalho na vida desses sujeitos, seja antes de caírem no trecho ou na manutenção de suas jornadas a beira das estradas. Finalizando o texto, foi feita também uma breve tentativa de análise que buscou relacionar aspectos da errância com os conceitos de espaço, lugar e não-lugar.

Palavras-chave: Andarilhos de estrada. Pessoas em situação de rua. Crise do trabalho. Mobilidade do trabalho. Errância.

ABSTRACT

CAMPOS, Tiago Andrade. **Highway wanderers**: brief considerations about the relation between labor crisis and wandering. 2022. Trabalho de Graduação Individual (Bacharelado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Highway wanderers make up a fraction of the homeless population which has a central characteristic of the constant displacements by the sides of roads and highways. The motivations for "adhering" to this condition are varied and interconnected, but it is noted that economic factors, especially those related to labor, have a prominent influence. In light of this, understanding the relation between these individuals and their labor was the basis for this research, based on the assumption that there is a direct connection between mobility, labor mobility, labor crisis, and wandering. Based on this hypothesis, the research sought to be based on bibliographic reviews that discussed themes related to labor and also that discuss the wanderers, as well as fieldwork aiming at direct contact with these people using interviews, which had great importance in its development. According to what was observed in the readings and also in the fieldwork, there is a close relation between wandering and labor, especially when it comes to the labor crisis. In all interviews conducted there were reports highlighting the influence and importance of labor in the lives of these subjects, whether before falling in the stretch or during the maintenance of their journeys at the side of the roads. Finalizing the text, a brief attempt at analysis was also made to relate aspects of wandering to the concepts of space, place, and non-place.

Keywords: Highway wanderers. Homeless. Labor crisis. Labor mobility. Wandering.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
2 ANDARILHOS DE ESTRADA: QUEM SÃO?	15
3 CRISE DO TRABALHO, MOBILIDADE E MOBILIDADE DO TRABALHO	18
4 ERRÂNCIA E CRISE DO TRABALHO.....	23
5 METODOLOGIA	31
6 TRABALHO DE CAMPO: RESULTADOS, IMPREVISTOS E DIFICULDADES...	34
7 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ERRÂNCIA E ESPAÇO	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	50

1 APRESENTAÇÃO

Estamos em uma das mais populosas, ricas e importantes cidades do mundo, a maior região metropolitana da América Latina em um estado que se destaca no desenvolvimento econômico não apenas do Brasil. Ainda assim, diante de tais condições que a cidade de São Paulo está inserida, frequentemente somos assombrados e nos deparamos com notícias sobre a degradação, humilhação, abandono e até mesmo morte de pessoas em situação de rua, seja pelo total descaso das autoridades que não se importam com as condições de milhares de pessoas que enfrentam os percalços de estar nas ruas passando por situações que vão desde o despertar com jatos de água em dias de frio extremo com seus únicos pertences recolhidos por agentes sob as ordens de autoridades políticas, até momentos de violência vindas dos mais variados setores da sociedade que, podemos assim dizer, os abominam ou simplesmente não os notam.

O desenvolvimento desse trabalho foi recheado por momentos de inquietações e receios desde seu início. Talvez pelo fato de ainda estarmos cercados direta e indiretamente por resquícios de uma herança positivista que ainda permeia e define estratégias para a maioria das ciências com uma forma não-dialética de leitura do mundo, ou, como sugerido por Moraes (2007, p. 7), com pesquisas que se restringem a aspectos visíveis do real, que possam ser mensuráveis e palpáveis. Esse tipo de pensamento, que está atrelado ao método positivista, em suma, tende a colocar o pesquisador apenas como observador dos acontecimentos, quase que meramente à deriva em um mar de interpretações únicas que perpassam por quase todas as áreas do conhecimento, não permitindo que se opte por mecanismos que se adequem a cada especificidade das pesquisas, afinal, estudar sobre andarilhos de estrada, por exemplo, não é como formular ou resolver uma equação matemática.

Provavelmente, a cobrança por um trabalho nesses moldes, remetendo a preceitos que construíram e fundamentaram a Geografia Tradicional (MORAES, 2007, p. 7), esteja inconscientemente diluída ao longo desse texto, entretanto, o desenrolar da escrita e seu natural amadurecimento fez com que ficasse evidente a necessidade de superação desse tipo de pensamento que foi acentuado nos momentos de pressão e preocupação com os rumos que tomava a pesquisa.

Pesquisar é fazer um recorte tanto do objeto a ser analisado quanto daquilo que será apresentado, o que implica dizer que o que está sendo apresentado aqui

pode ser entendido mais como uma forma de provocação ou o estabelecimento de um debate que trará como produto final ainda mais questões e dúvidas do que se tinha ao iniciar as primeiras pesquisas sobre o tema. Em outras palavras, temos aqui um compilado de pensamentos, questionamentos, relatos e registros das etapas que compuseram o trabalho, desde a escolha pelo tema até a finalização desse texto, porém, sem deixar de realizar algumas considerações e interpretações sobre os trabalhos de campo, textos e autores que compuseram a base da revisão bibliográfica.

Há de se ressaltar também os inúmeros momentos de preocupação por estar produzindo o material de conclusão de um curso de Geografia que não traz em sua composição nem ao mesmo uma produção cartográfica ou qualquer outra forma de representação do espaço.

Essa cobrança tomou proporções cada vez maiores durante o processo de escrita, no entanto, foi em razão de tal fato que se evidenciou a pertinência e necessidade de resgatar boa parte do repertório adquirido durante o curso, o que inclui colocar em prática uma das afirmações de maior impacto durante todo o curso e tem acompanhado esse processo durante toda trajetória de produção do presente trabalho final, que é a afirmação que se refere a utilização de representações cartográficas como fonte primária de informação. Ou seja, mapas devem ser entendidos como uma forma de interpretação e/ou representação direta do espaço, não deveriam ser colocados simplesmente a serviço do texto como mera ilustração, mas sim, devem ter a capacidade de carregar informações com a mesma força e ênfase que qualquer outra forma de expressão.

Apesar de todas as dificuldades e desafios, esse é um tema que tenho trabalhado há um tempo considerável, inicialmente abordando a temática de forma mais ampla ao trabalhar com várias tipologias das populações em situação de rua, principalmente em trabalhos artísticos, até afunilar e chegar ao recorte dos andarilhos de estrada e a tentativa de traçar investigações mais sistematizadas acerca do assunto.

O contato inicial com essa temática foi completamente aleatório, aconteceu com uma reportagem que apresentava entrevistas com alguns andarilhos e foi assistida ao acaso. De imediato surgiu a ideia de verificar a possibilidade de investigar de algum modo a situação em que se encontravam essas pessoas. A primeira tentativa foi pautada pela busca de uma discussão sobre as relações daquilo

que num primeiro momento chamei de modo de vida² errante e suas relações com o espaço.

À época, acreditava que a relação entre espaço e pessoas que têm como característica central o não estabelecimento de vínculos com lugares específicos poderia oferecer diferentes discussões com diversos conceitos da Geografia, desde os mais básicos até os mais aprofundados e específicos. Porém, discutir o espaço assim de forma tão ampla é tarefa que demandaria enormes esforços e, ainda assim, com grandes probabilidades do desenvolvimento de debates, argumentações e análises um tanto quanto simplórias e genéricas.

Entre páginas e mais páginas de leitura - dos textos e autores que serão apresentados no decorrer do deste ensaio -, resumos e fichamentos elaborados, horas de pesquisas, algumas ideias surgidas e muitas outras abandonadas, foi-se vagarosamente moldando um recorte que abordava a temática de um modo que não apenas agradava, mas que também instigava e despertava o desejo de cada vez mais ampliar o contato com essas pessoas.

A aproximação daquilo que seria estudado foi estabelecida durante debates e discussões da disciplina optativa Migrações e Trabalho ministrada pelo próprio Departamento de Geografia. Durante as discussões que pautavam as aulas, vieram à tona importantes pontos que se aproximavam de muitas ideias e discussões sobre os andarilhos – como sobre quais seriam as causas e impactos da errância, as possíveis relações destes com o trabalho e possíveis ligações desse tema com a Geografia -, principalmente a partir de uma provocação que questionava se algumas formas de deslocamentos poderiam ser consideradas como migrações.

No entanto, além da escassez de trabalhos que discutam esse tema, apresentavam-se também como um dos empecilhos para iniciar a pesquisa as dificuldades de estabelecimento dos contatos com os andarilhos, haja visto que os mesmos não podem ser encontrados facilmente e a busca se dá quase que de forma aleatória ao longo das estradas e alguns poucos pontos onde estes costumam pousar

² Falar em modo de vida requer uma certa cautela, pois, para um debate consistente acerca do tema, é necessária uma atenta análise sobre as obras de Paul Vidal de La Blache (1845-1918), importante autor da Geografia clássica, principalmente que diz respeito ao seu conceito de *gêneros de vida*, além de necessário também levar em consideração apontamentos de Lefebvre, Bourdieu, Weber, Durkheim, dentre outros, que discutem os significados do conceito de modo de vida. Essa é uma discussão bastante interessante e pertinente que parece passível de interpretações e associações que renderiam importantes debates, no entanto, tal temática não está dentre os principais focos deste trabalho e, para que não haja interpretações equivocadas e/ou superficiais, optei pela não utilização do termo.

durante as noites, o que se apresentava como um grande desafio para a realização de trabalhos de campo.

Em razão dessas dificuldades para a realização da etapa de campo que foram acentuadas durante o período de pandemia dos últimos dois anos, foi preciso buscar uma forma de registro que permitisse manter o foco da pesquisa. Eis então que surge a possibilidade de construir o que apresento aqui e considero como uma espécie de diário de pesquisa aos moldes de um ensaio, um relato que traz à tona as leituras e campos, suas associações, discussões e, principalmente, as dúvidas e questionamentos que são o ponto central deste texto final.

Tendo em vista que este é um assunto com o qual a maioria das pessoas não está familiarizada, a primeira parte do texto – capítulos 1 e 2 - é destinada a uma breve apresentação e caracterização dessas pessoas, principalmente com base na revisão bibliográfica.

A segunda parte – capítulos 3 e 4 - é composta pela apresentação de conceitos e discussões de autores que abordam as temáticas relacionadas à crise do trabalho, mobilidade e também mobilidade do trabalho, além da tentativa de construção de uma análise que associe tais conceitos com a errância. É neste momento que tratamos da hipótese central dessa pesquisa, que é a relação direta entre crise do trabalho e pessoas que são forçadas a viver em constantes deslocamentos, ou seja, os andarilhos de estrada.

Em seguida – no capítulo 5 -, é realizada uma análise da metodologia adotada e o que de fato foi utilizado como recurso metodológico, discutindo também a revisão bibliográfica e a importância do trabalho de campo não apenas para esta pesquisa, mas para toda a Geografia.

Já no capítulo 6, o debate girou em torno dos trabalhos de campo que foram realizados. Nele serão apresentados os resultados, as dificuldades e algumas considerações com base nas entrevistas realizadas. Inclusive, é nesse momento também que essas entrevistas serão apresentadas, não em sua totalidade, mas como um apanhado de informações que caracterizarão cada um dos sujeitos abordados.

Por fim, no capítulo 7, tentou-se estabelecer uma discussão que trouxesse à tona possíveis associações entre errância e algumas categorias de análise trabalhadas na Geografia, no caso, espaço e lugar, realizando também algumas considerações sobre os processos de desterritorialização, o que traz para o debate um certo contraste dentro da proposta discutida.

Porém, apesar das divisões em capítulos que concentram a maioria das discussões, algumas etapas e informações fundamentais para o trabalho foram diluídas no decorrer de todo o texto. Ao invés de concentrar toda a revisão bibliográfica dentro de um único capítulo, esse feito foi estendido para todas as seções descritas acima e apresentadas a seguir, com cada passagem apresentando os textos e autores pertinentes à discussão. O mesmo foi feito com as resenhas dos principais textos que serviram como base, onde as mesmas estão distribuídas em diversos momentos, pois, essa forma de apresentação pareceu se encaixar melhor ao estilo do texto que está sendo apresentado.

O mesmo ocorreu com alguns dados dos trabalhos de campo que, mesmo tendo um espaço dedicado à sua apresentação mais detalhada, foram trazidas para o debate em momentos oportunos, principalmente para comparação, confirmação ou contraposição de informações trazidas da revisão bibliográfica.

2 ANDARILHOS DE ESTRADA: QUEM SÃO?

Andarilhos, trecheiros, errantes, nômades modernos, malucos de BR, hippies de estrada, mendigos... As denominações são variadas, assim como as possíveis causas e também as consequências para aqueles que se encontram em constantes deslocamentos por estradas e rodovias, como no caso de parte das pessoas em situação de rua, sujeitos extremamente vulneráveis nos mais diversos aspectos, ignorados pela sociedade e pouco conhecidos pelos estudiosos das diversas áreas, mas que apresentam relações com o espaço que parecem ser bastante peculiar, aparentemente livres dos meios de produção e também para ir e vir, fugindo à regra de grande parte das relações entre sujeito e espaço. São indivíduos que levam suas vidas como uma caminhada sem fim e não passam mais do que alguns dias ou semanas em um mesmo local.

Nascimento (2008, p. 23) define os andarilhos de estrada como “[...] indivíduos que perambulam a pé de cidade em cidade, sobrevivendo da mendicância e, eventualmente, da ajuda de organismos assistenciais.”, ressaltando que os mesmos não trabalham regularmente, não possuem residência e nem qualquer tipo de, nas palavras do autor, fixação psicossocial.

O referido autor pautou suas pesquisas na tentativa de compreensão daquilo que denominou como nomadismo contemporâneo onde suas investigações buscaram retratar com riqueza de detalhes o cotidiano de andarilhos como meio para entender as dinâmicas da errância na contemporaneidade, além dos processos e relações entre a ruptura com o sedentarismo para adentrar ao nomadismo. Apesar de ser proveniente da Psicologia, esse estudo, derivado de sua dissertação de mestrado, tornou-se um dos pilares da pesquisa a qual esse texto diz respeito.

Levando em consideração a maior parte do referencial teórico, observa-se que a errância, tem origens multifatoriais (BÜLL; BERNARDO, 2011; JUSTO et al., 2013; LEITE; ALVES, 2015; PRATES; PRATES; MACHADO, 2011), sendo esses fatores de diversos níveis, desde os macroeconômicos até os psicológicos (BROGNOLI, 1996, p. 16). Entretanto, ainda de acordo com esses mesmos autores, fica evidente que dentre os vários fatores motivadores para que esses sujeitos passem a viver no trecho, ou seja, perambulando nas beiras de estradas, dois deles se destacam: crises familiares e econômicas.

Com relação às crises familiares, os principais aspectos relatados são brigas com cônjuges ou pais, onde alguns são expulsos das casas em que residiam e outros que optam por abandonar seus lares, conforme relatado por Brognoli (1996, p. 16). Ainda segundo o autor, essas rupturas familiares têm papel de destaque na “escolha” do trecho para darem prosseguimento em suas vidas.

Tais afirmações estão alinhadas com o que foi observado em campo nas declarações de alguns dos abordados para a realização de entrevista. Durante as conversas, esses andarilhos informaram que desentendimentos familiares por motivos diversos foram uns dos principais motivadores para a ida e também para se manterem em deslocamentos constantes, algo muito semelhante ao observado por Nascimento (2008, p.90) ao relatar que muitos de seus entrevistados apresentavam ausência de vínculos com as famílias ou, para aqueles que ainda mantêm algum laço, estes são bastante frágeis e escassos. Dentre os abordados para a presente pesquisa que comentaram sobre suas relações familiares, apenas um afirmou manter boas relações com parentes.

De acordo com Prates, Prates e Machado (2011, p. 197), em artigo que investiga os processos de exclusão e precariedade nas inclusões das populações em situação de rua, no qual analisam também algumas características de andarilhos, as perdas são as principais motivações dos entreveros com as famílias, principalmente perda de seus empregos, da autoestima e de suas casas, o que corrobora com Peres (2001, p. 69), que em um estudo para investigação das motivações e características da errância destaca as desavenças e conflitos com familiares, mais especificamente com pais e cônjuges, nos depoimentos colhidos em suas pesquisas.

Ainda com relação a questões familiares que influenciam na ida para o trecho, nas entrevistas com os andarilhos realizadas em campo foi relatado também que o uso de álcool certamente foi um dos fatores que motivaram ou acentuaram as desavenças dentro de suas famílias. O fator da bebida alcóolica já havia sido observado como um dos destaques dentro da revisão bibliográfica, ocupando todo um item na dissertação de Brognoli (1996, p. 163 – 164) e um capítulo no estudo de Nascimento (2008, p. 56 – 62), onde ambos ressaltam que tal circunstância, além de estar relacionada como início da condição de errante, também os acompanha em seus trajetos com o álcool sendo utilizado como meio de amenizar as dificuldades com as quais se deparam pelas estradas, como também afirma um dos entrevistados no trabalho de campo.

Já no que diz respeito às condições econômicas, fica evidenciado que a perda dos empregos por motivos diversos configura entre os principais fatores que forçaram esses sujeitos a adentrarem à vida errante.

Esse debate será mais bem detalhado no decorrer do texto, principalmente no que diz respeito ao trabalho, que pode ser entendido como uma das condicionantes dos aspectos econômicos da errância. No entanto, é importante destacar que este tema permeia praticamente todo o estudo de Nascimento (2008) e tem importante destaque no texto de Peres (2011), também aparecendo com frequência nas considerações de Brognoli (1996), sendo estes autores três das principais referências para a realização desse estudo e que farão a ligação entre a temática dos andarilhos de estrada com a crise do trabalho.

3 CRISE DO TRABALHO, MOBILIDADE E MOBILIDADE DO TRABALHO

Seguindo o pressuposto que pautou esta pesquisa, que trata da verificação de possíveis relações entre errância e crise do trabalho, é importante entender de onde surgem e o que pode influenciar as condições econômicas que podem ser consideradas como um dos principais aspectos para essas pessoas que passam a vivenciar constantes caminhadas. Tais condições econômicas podem estar diretamente associadas a circunstâncias em que a classe trabalhadora está submetida, principalmente no que se refere à crise e mobilidade do trabalho com suas influências nas vidas de considerável parcela da população.

O processo de segregação espacial da classe trabalhadora inicia-se com a expansão industrial na cidade e a consequente transformação de bairros essencialmente residenciais em bairros operários que concentravam novas indústrias que serviam como atrativo para os trabalhadores se estabelecerem nas proximidades das mesmas. Segundo Andrade (2004), com a mudança da morfologia da ocupação espacial dessas indústrias deixando o centro da cidade de São Paulo e passando a se instalar próximas das linhas férreas que inicialmente eram áreas ocupadas por bairros residenciais e operários, os trabalhadores residentes nessas localidades começaram a ser deslocados cada vez mais para as regiões periféricas e ocupando as bordas da cidade que, apesar de morfologicamente ligadas ao centro da cidade, não estão interligadas ao mesmo.

Tais fatos darão início ao Damiani (2004) denominou de *urbanização crítica* que diz respeito a um processo onde a urbanização efetiva não é para todos que vivem nos grandes centros urbanos e apenas poucos privilegiados que ocupam restritas áreas têm acesso aos benefícios efetivos da urbanização que a cidade e seus moradores passam a ser submetidos, enquanto a grande massa da população é alçada para as bordas da metrópole ou de suas múltiplas centralidades, sendo obrigados a viver em condições cada vez mais degradantes nos âmbitos de moradia, emprego, acesso à saúde, saneamento básico e a consequente precarização das condições de vida desses moradores das periferias.

No bojo de tais situações, inserem-se as novas alternativas para a manutenção da vida desses indivíduos com a subordinação destes a atividades informais que na maioria dos casos estão relacionadas com o comércio ambulante, transformando-se naquilo que Heidemann (1998) chamou de *empresários da miséria*.

No entanto, talvez essas afirmações apresentem características que não são observadas na maioria dos andarilhos observados em campo, tendo em vistas que estes, muitas vezes, abandonam as cidades em razão da impossibilidade de manterem sua subsistência, por mais precárias que estas sejam. Há ainda o fato de que é possível encontrar andarilhos que saem também das pequenas e médias cidades e que nem mesmo tentam sobreviver nos grandes centros por saírem direto do campo para as constantes caminhadas pelos acostamentos das estradas, fato este também observado durante as conversas com os entrevistados nos campos, e que contrasta com a afirmação de Santos (2017, p. 323) que diz que as cidades acolhem as multidões de pobres vindos de cidades menores e também do campo.

Parte dessa população de áreas rurais, ao ser expropriada de seus bens e direitos, terá como alternativa o deslocamento para outros locais, geralmente aqueles que têm como característica a presença de uma fonte atrativa de força de trabalho, pois, o próprio mundo mecanizado cria novas formas de mobilidade onde muitos se deslocam para vender essa que é sua única mercadoria disponível (SORRE, 1984, p. 133), o que, a meu ver, pode ser aplicado tanto ao errante quanto àquele que se desloca em busca de um novo ponto para se fixar.

Podemos considerar também que para uma parcela dessa população o que resta é fazer parte dos grupos em situação de rua, pois, não mais tendo condições de arcarem com a manutenção de seu *habitat*, passam a não ter outra alternativa que não seja a de se submeterem às condições de extrema degradação da vida nas ruas, seja de forma relativamente fixa ou como andarilhos.

Poderiam ser, então, sujeitos que parecem não se adaptar ao que o capital exige, como proposto por Gaudemar (1977, cap. 5) ao afirmar que a mobilidade do trabalho depende também da adaptação do trabalhador a diversos fatores para atender ao que exige o sistema capitalista e no caso de não se adaptarem seriam inúteis para a reprodução do capital do ponto de vista de fornecedores de força de trabalho, estando, assim, fadados à marginalidade.

No entanto, baseado na literatura aqui apresentada, podemos pressupor que, mesmo marginalizados, estes indivíduos não podem ser considerados alheios ao capitalismo e até mesmo nesses casos estão submetidos a esse sistema para que possam dar continuidade na manutenção de suas próprias vidas, seja de modo indireto, como pela mendicância que, apesar de não ser caracterizada pela venda da força de trabalho, tem seu objeto – o dinheiro – obtido inicialmente de relações

capitalistas por parte daqueles que o doa, ou até mesmo diretamente ao venderem sua força de trabalho, mesmo que por momentos curtos e pontuais.

De acordo com o que podemos interpretar sobre o que escreveu Sorre (1984, p. 130), a mobilidade está diretamente atrelada ao habitat. O autor afirma que a permanência no habitat é como a negação da mobilidade, pois, permanência é resultado do equilíbrio, ao passo que mobilidade é justamente a busca pelo equilíbrio. Diz ainda que um grupo, ao se adaptar e se fixar em determinado local, terá sua mobilidade reduzida, porém, somente em casos extremos chegando a zero. Segundo o autor, para haver deslocamentos é necessário que haja desequilíbrios ambientais, fazendo uma relação entre permanência como resultado do equilíbrio das populações e as migrações resultando de desequilíbrios, sendo a mobilidade uma busca pelo reestabelecimento desse equilíbrio (SORRE, 1984, p. 127).

Essa afirmação, que é pautada na ecologia humana do ponto de vista geográfico, parece desconsiderar diversas outras variáveis que são diretamente relacionadas com os movimentos de migração e permanência. Em uma análise mais atenta é possível questionar até que ponto tais considerações se fazem pertinentes para o estudo do caso dos andarilhos e arrisco-me aqui a dizer que ela é um tanto simplista, porém, é importante que a traga para o debate.

As discussões sobre mobilidade e desequilíbrio nos levam também a refletir sobre questões referentes ao processo migratório, onde, se levarmos em consideração aquilo que foi apresentado nos parágrafos logo acima, essa mobilidade pode ser concretizada pelas migrações de sujeitos e grupos.

Com relação ao debate do processo migratório, Vainer (1984) afirma que as migrações estão diretamente atreladas com a transformação do trabalho em mercadoria, ou seja, as migrações são tratadas como parte do próprio capitalismo e não algo paralelo ao mesmo, estando a reprodução ampliada da mobilidade atrelada ao desenvolvimento capitalista, pois, tendo as pessoas que vender esse único “objeto” de troca, devem então se deslocar para locais onde tenha quem compre, afirmações estas que o autor desenvolve baseado também nos escritos de Gaudemar (1977, cap. 7) que fundamenta a mobilidade na transformação do trabalho em mercadoria. Em outras palavras, é a partir da força de trabalho assumindo a condição de mercadoria que se explica a mobilidade do trabalho.

Sendo assim, com base nessas afirmações e nos depoimentos colhidos no trabalho de campo, podemos entender que o abandono do modo de vida sedentário

pela população de andarilhos está também atrelado ao fato de esses sujeitos optarem por não vender ou por não terem condições de realizar a venda de sua força de trabalho, seja pela precarização das condições dessa venda ou ainda pela falta de oferta de postos de trabalho que as comportem.

Supõe-se, então, que estando excluídos do mercado formal de trabalho, muitas dessas pessoas acabam desorientadas e se veem sem perspectivas de novas mudanças, “aderindo”, assim, à errância como forma de fugir das dificuldades a que estão submetidas ou ainda pela falta de opções ao se sentirem como descartados.

Ainda com relação ao que escreveu Vainer (1984), é a mobilidade do trabalho que pode determinar também a mobilidade humana, ou seja, para o autor as migrações são diretamente atreladas a mobilidade do trabalho. Isso implica dizer que os grupos de pessoas se deslocam pelo espaço a fim de encontrar locais onde seja possível vender seu trabalho, da mesma forma que o capital também se desloca em busca de melhores condições de ampliação da sua acumulação por meio da exploração de força de trabalho.

A mobilidade do trabalho não é apenas uma mobilidade no espaço, mas sim, uma readequação ao modo de trabalho e reprodução do capital, situação alheia as vontades dos sujeitos.

E é justamente essa discussão que pode ser levantada e associada ao fenômeno dos andarilhos, a relação existente entre a mobilidade do trabalho e a errância. Como dito anteriormente, parte dos casos desses sujeitos pode estar relacionada com as condições a que passam a ser submetidos pelo modo de produção capitalista, por tornarem-se parte do exército de reserva usado para pressionar os salários para baixo. Mas, como tais indivíduos podem contribuir para isso ao estarem totalmente à margem desse sistema, como no caso dos andarilhos? Seriam tais situações aproveitadas pelo capital como forma de diminuir seus custos com a reprodução da força de trabalho, tendo em vista que podem ainda fazer parte do exército de reserva enquanto se mantém vivos, mesmo que precária e miseravelmente, sem demandar maiores custos a esse mesmo capital? E a relação desses sujeitos com a crise do trabalho, onde entra?

Para tratar dessa associação é necessário que primeiro entendamos do que se trata a crise do trabalho.

Em poucas palavras, podemos explicar esse conceito como sendo a relação entre o aumento expressivo da superpopulação relativa que acarreta na intensificação

da exploração da classe trabalhadora. Isso é resultado do processo característico do capitalismo que busca sempre produzir suas mercadorias com a menor quantidade possível de trabalho, acarretando na ampliação do número de desempregados e consequente aumento no exército de reserva. Tais condições levam também à ampliação da competitividade entre trabalhadores e, por fim, intensificam as dificuldades de reprodução da classe trabalhadora.

Segundo Heidemann (1998), o trabalho torna-se algo natural da condição humana e passa a ter conotação positiva. Oras, isso é de uma contradição sem tamanho, pois, algo que joga imensuráveis quantidades de trabalhadores na mais extrema miséria é também o que lhes confere a condição de humanos. Não é preciso muito esforço para chegarmos ao questionamento da condição que é atribuída àqueles que fazem parte das massas de pessoas em situação de rua. Isso explicaria, talvez, o motivo pelo qual grande parte da população não os enxerga como parte da sociedade e tem completa aversão aos seus comportamentos.

Essa condição parece colocar esses sujeitos em uma espiral sem fim onde são tidos como o excedente do exército de trabalhadores e ainda sim parecem ser forçados a buscar justamente no trabalho um meio de deixar a condição em que vivem ou ao menos aliviá-la, mesmo que momentaneamente.

A crise do trabalho parece atingir proporções que não parecem apresentar meios de superação, ou, até mesmo, sem necessidade de ser superada, já que um dos pontos cruciais do capitalismo é a depreciação cada vez maior da força de trabalho, chegando a mesma a ser vendida pelos trabalhadores por custos que não garantem nem mesmo a sua reprodução, ou seja, não garante a subsistência do próprio trabalhador.

Estudar a crise do trabalho consiste em olhar e analisar as condições e relações ao nosso redor, entender como elas funcionam e fazer aproximações das particularidades dos objetos que nos cercam para demonstrar que ela de fato existe.

4 ERRÂNCIA E CRISE DO TRABALHO

Peres (2001, p. 67), em artigo que busca analisar as motivações e complicações no âmbito psicológico daquilo que chama de errância, descreve que esses indivíduos são estigmatizados justamente por viverem nos acostamentos das autoestradas caminhando solitária e compassadamente sem que haja destino certo em suas andanças e com seus poucos pertences em um único saco ou mochila, sendo esses sujeitos representantes do que Snow e Anderson (1998, p. 101), em seus estudos etnográficos sobre moradores de rua realizados a partir de trabalhos de campo na década de 1980, denominaram como *outsiders*, ou seja, sujeitos que estão à margem da sociedade vivendo de modo a não seguir parte das leis e regras que são imposta à maioria dos membros da sociedade. Ainda de acordo com Peres (2001, p. 67-68), esse grupo de pessoas em situação de rua é altamente migratório e as formas para sua subsistência está relacionada, em parte, com a mendicância e também com a busca por trabalhos temporários.

É importante destacar que o trabalho aparece como algo de considerável relevância para a maioria dos andarilhos. Durante as entrevistas em campo foi constatado que todos os indivíduos mantinham alguma relação com o trabalho mesmo após tornarem-se errantes, seja o trabalho de forma esporádica e que garanta apenas sua sobrevivência momentânea, ou ainda, a busca por trabalho como motivador de parte de seus deslocamentos.

Essas constatações estão em consonância ao que descrevem Bull e Bernardo (2011, p. 316) indicando que o *não trabalho* pode ser encarado como um fator de humilhação pelos andarilhos sendo como a confirmação da incapacidade de se manter com suas próprias forças. Ainda de acordo com as autoras, a relação desses sujeitos com o trabalho está diretamente relacionada com a obtenção de dinheiro para suas suprir necessidades imediatas, não há nesta relação a intencionalidade de busca por estabilidade ou acumulação.

Tratando também da questão do trabalho no fenômeno das populações em situação de rua, Prates, Prates e Machado (2011, p. 196-204), em artigo que busca analisar os processos de exclusão e inclusão precárias para estas populações por parte de algumas políticas públicas, apresentam pesquisas que destacam a importância do trabalho para diversos sujeitos em situação de rua. Apesar de citarem a importância do trabalho para a superação da situação degradante que esses sujeitos

enfrentam, esses autores relatam que é por meio do trabalho que parte dessa população busca manter sua identidade, pois, para estes, o fato de não trabalharem é como se estivessem mortos, aumentando as discriminações e estabelecendo estigmas, ou seja, são ainda mais excluídos e vistos de forma depreciativa pelo restante da população, fato este também descrito por Nascimento (2008, p. 88).

Algo semelhante foi observado durante uma das entrevistas realizadas para a construção deste trabalho. Para um dos sujeitos abordados, a prática da mendicância é encarada como degradante ao ponto de ser evitada até mesmo em situações de extrema dificuldade, sendo realizada apenas em momentos em que não há outra alternativa para sua sobrevivência. Relata, ainda, que mesmo sendo muito difícil conseguir alguma atividade mais próxima da formalidade de um trabalho, busca realizar qualquer tipo de atividade simples em troca até mesmo de apenas uma refeição.

As afirmações trazidas também por Nascimento (2008, p. 41) coadunam com as considerações apresentadas acima. De acordo com o autor, a sobrevivência dos andarilhos é caracterizada pela realização dos chamados *bicos*, que nada mais são do que trabalhos temporários ou eventuais que encontram durante seus percursos, sendo o ato de pedir admitido apenas em momentos de extrema necessidade.

Levando em consideração ainda o que descreve Nascimento (2008, p. 76) em sua pesquisa, apesar dos trabalhos esporádicos ou temporários serem de grande importância para esses sujeitos, a realização de trabalho estável não é algo descartado pelos mesmos, pois, essa forma de trabalho pode ser interpretada como um meio de referências econômica, psicológica e até mesmo cultural, além de determinar os níveis das relações que o indivíduo estabelece com a sociedade.

Mais uma vez, essas afirmações se assemelham muito a relatos obtidos em campo onde três dos entrevistados afirmaram que apesar de gostarem de levar suas vidas no trecho, mesmo com todas as dificuldades, não descartam a possibilidade de se estabelecerem em um determinado local se tiverem a garantia de um emprego estável que viabilize tal condição.

Conforme demonstram as passagens acima, o trabalho aparenta ser um importante ponto na vida desses sujeitos, no entanto, é importante dizer que o mesmo não os coloca no mesmo nível – se é que podemos chamar assim – das pessoas que não se encontram sob as mesmas condições, principalmente se levarmos em consideração o que diz Brognoli (1996, p. 23) que introduz no debate a ideia de

marginalidade como forma de entendimento das condições as quais os andarilhos estão submetidos.

Pode-se também associar a questão da marginalidade ao que discutiu Sorre (1984, p. 129), ao afirmar que mesmo dentre os grupos mais estáveis, ou seja, aqueles fixados em determinado recorte espacial, há grupos que não possuem destino e nem mesmo habitat fixo, “[...] cujos deslocamentos não estão sujeitos a nenhuma lei.” Ainda de acordo com esse mesmo autor (SORRE, 1984, p. 131), tais indivíduos ou grupos não possuem ligação alguma, mesmo que indiretamente, com o solo, ou melhor, com um habitat fixo, sendo errantes perpétuos de mobilidade total e sem o respeito à disciplina social, que é comparada com a capacidade de fixação, permanecendo como vagabundos “sem eira nem beira” e vistos como marginais que sobrevivem da mendicância e pequenos delitos por terem horror ao trabalho, como no caso daqueles denominados por ele como vagabundos típicos e conhecidos popularmente nos Estados Unidos como *bums* que, assim como os *tramps* que são trabalhadores itinerantes e ocasionais, “[...] após uma longa série de fracassos responsáveis por seu desarraigamento [...]” chegam a esse estado (SORRE, 1984, p. 131).

No caso dos andarilhos, podemos supor que tal caracterização como marginais envolve um duplo aspecto dentro do debate sobre a marginalidade. Apesar da amplitude que essa expressão pode apresentar, principalmente em razão de seu uso indiscriminado, o termo pode estar diretamente associado à posição de inferioridade dos sujeitos diante no processo produtivo (BROGNOLI, 1996, p. 22).

Sob a ótica marxista, a marginalidade é caracterizada pela forma como os sujeitos são inseridos no sistema produtivo e por formas diferenciadas de remuneração onde os marginalizados continuam sendo trabalhadores, mas, sob formas distintas de exploração se comparados com não-marginalizados (BROGNOLI, 1996, p. 23).

Tais considerações nos levam também a pensar sobre as discussões que Marx (2017, p. 716 - 718) estabelece ao tratar de *superpopulação relativa*. O autor apresenta esse grupo como tendo três formas: *superpopulação flutuante*, *superpopulação latente* e *superpopulação estagnada*.

Resumidamente, a superpopulação flutuante pode ser entendida como o grupo de trabalhadores repelidos e atraídos, ou seja, trabalhadores que transitam entre momentos de venda da sua força de trabalho e logo em seguida deixam de fazê-lo,

podendo voltar a trabalhar novamente, algo como uma rotatividade de empregados e desempregados. A superpopulação latente é constituída por pessoas que se encontram no campo e estão sempre no limiar entre a permanência e a migração para as cidades. Com relação a superpopulação estagnada, esta é composta por sujeitos que estão inseridos no exército ativo de trabalhadores, mas exercem formas de trabalhos irregulares (MARX, 2017, p. 716 - 718).

Tiengo (2018, p. 139), baseada também nos escritos de Marx, afirma que a existência de pessoas em situação de rua está diretamente atrelada ao modo de produção capitalista. Tentando desfazer a ideia que ainda é bastante difundida de que o fenômeno das pessoas em situação de rua é resultado da preguiça e falta de esforço desses indivíduos, a autora considera o processo de acumulação capitalista como um dos motivos para a existência de tal fenômeno justamente em razão da geração dessa superpopulação relativa. Ainda de acordo com esta autora, a existência de pessoas em situação de rua é algo necessário ao capitalismo, tendo em vista que as mesmas são parte da superpopulação relativa e esta é primordial para a manutenção e desenvolvimento do sistema capitalista (TIENGO, 2018, p. 140).

Numa primeira análise, com base no exposto até o momento, a impressão é de que os andarilhos podem apresentar características que se assemelham ao terceiro grupo, bem como seus meios de subsistência que aparentemente não estão totalmente ou diretamente voltadas para a realização das necessidades do capital. No entanto, há de se considerar que parte desses sujeitos, além de subsistirem por meio da mendicância e do auxílio de instituições de assistência social, também costumam realizar trabalhos eventuais ou temporários, o que ainda os faz manterem relações com o mundo do trabalho, mesmo que precariamente.

Apesar de parte desses trabalhos serem extremamente simples, alguns dos sujeitos sobrevivem com a venda de sua força de trabalho para produtores rurais que por algum motivo não possuem lavouras automatizadas, seja em razão de serem pequenos produtores ou pela necessidade de ainda manterem algum tipo de trabalho manual por conta da técnica necessária para a colheita, como, por exemplo, no caso das lavouras de frutas e cana-de-açúcar, conforme relatado por três dos indivíduos abordados, sendo dois deles em deslocamento justamente para a execução de tais atividades e outro que costumeiramente percorria cidades do interior do estado com essa finalidade.

Essa situação se mostra inversa ao que Brognoli (1996, p. 24) argumenta ao dizer que essas populações marginalizadas não serão absorvidas pelo mercado de trabalho, o que as manteriam sempre em padrões mais baixos de consumo. De fato, a referida afirmação se mostrar palpável se considerarmos apenas trabalhos formais, mas, se levarmos em consideração que mesmo esses trabalhos sendo informais e decadentes, também colocam estes sujeitos em contato com o mercado de trabalho, como denomina o autor.

Tais afirmações são contrapostas por Tiengo (2018, p. 147) ao afirmar que é difícil falar do fenômeno da população em situação de rua sem levar em consideração o trabalho, pois, o mesmo ocupa papel fundamental na vida de parte dessas pessoas, conforme demonstrado por uma pesquisa apresentada pela autora que indica que cerca de 70% dessa população tem o trabalho como meio principal de sobrevivência.

No entanto, apesar da realização dessas formas de trabalho, é preciso considerar a proximidade que os andarilhos se encontram daquilo que Marx (2017, p. 719) denomina como *lumpemproletariado*, categoria constituída por miseráveis e degenerados, ou, em outras palavras, indivíduos em condições de marginalidade que possuem meios duvidosos de subsistirem, além da inconstância de remuneração. São, de certa forma, aquilo que o autor considera como “O sedimento mais baixo da superpopulação relativa [...]” (MARX, 2017, p. 719), indivíduos que vivem constantemente sob as sombras do pauperismo e as mazelas dessa precária condição de sobrevivência e subsistência.

Levando em consideração as caracterizações realizadas principalmente por Peres (2001), Nascimento (2008) e Brognoli (1996), uma aproximação dos sujeitos errantes com o *lumpemproletariado* parece bastante plausível. Porém, pode não ser prudente afirmar tão assertivamente sobre essa caracterização e enquadramento dentro desse estrato, como observa Brognoli (1996, p. 25) ao dizer que, apesar de algumas dessas características serem condizentes com o comportamento dessas pessoas, não é possível atribuir suas existências apenas a um determinante exclusivamente econômico, tendo em vista que há possibilidades de outras formas de sobrevivência que estão mais próximas do sedentarismo do que da errância, como indica o constante crescimento das favelas, que, nas palavras do autor, “[...] representam a fixação geográfica dessas populações” (BROGNOLI, 1996, p. 25). Ou seja, mesmo sob pressão de suas condições econômicas precárias, fatores políticos

e sociais também devem ser considerados na caracterização e até mesmo para a melhor e mais completa compreensão acerca dos andarilhos de estrada.

Há de se considerar também que a forma como alguns andarilhos se mantêm no trecho com a realização de trabalhos esporádicos e/ou temporários pode ser uma indicação de sua diferenciação em comparação a outros grupos em situação de rua, ainda mais se for considerado que, ao menos com base na pesquisa bibliográfica como um todo e observada nos trabalhos de campo, durante os percursos dos trechos, raramente realizam meios considerados duvidosos para obtenção dos escassos recursos que os mantêm.

Por outro lado, se considerarmos que os mesmos muitas vezes vivem em condições de extrema miséria e apresentam também remunerações inconstantes, a aproximação entre o conceito de lumpemproletariado e a condição em que se encontram os andarilhos de estrada é uma interpretação bastante viável.

Porém, em meio a este debate, é preciso levar em consideração o que apresenta Tiengo (2018, p. 142 – 143) ao realizar uma sólida e importante revisão acerca desse comparativo em seu artigo, onde, baseada em pesquisas de autores que também analisaram essa questão, afirma não ser possível enquadrarmos a população em situação de rua apenas em um dos estratos da superpopulação relativa, principalmente em razão da diversidade de fatores presentes nesse fenômeno.

Se parte desses indivíduos encontra-se no pauperismo do lumpemproletariado em consequência dos meios aos quais estão submetidos pela vida nas ruas, outros podem estar distribuídos nos demais estratos da superpopulação relativa (flutuante, latente e estagnada). Segundo uma pesquisa realizada por Rosa (2005, apud TIENGO, 2018, p. 142 – 143) onde foram entrevistadas 14 pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo, é demonstrado que essa população apresenta variadas situações com relação a seu histórico e mobilização da força de trabalho, o que pode indicar sua colocação nas diferentes formas de superpopulação relativa.

Em meio as repostas obtidas na referida pesquisa foi possível observar relatos que apresentam situações bastante compatíveis com aquilo que caracteriza as formas básicas dessa superpopulação, tais como a atração e repulsão ao trabalho formal - indicando a flutuação desses sujeitos -, a execução de trabalhos instáveis e informais – como na forma estagnada - e também casos de migrantes de regiões rurais – remetendo à forma latente da superpopulação relativa. Dito isto, podemos considerar que a população em situação de rua se enquadra nas formas de superpopulação

relativa de acordo com o contexto e as trajetórias de cada um onde o indivíduo apresenta seu histórico e suas características individuais que podem aproximá-lo de um ou de outro estrato (TIENGO, 2018, p. 143).

Relatos semelhantes foram obtidos também durante as entrevistas realizadas com os andarilhos nos trabalhos de campo que compuseram esta pesquisa. Alguns dos abordados relataram históricos e trajetórias de vida que se assemelham ao que foi exposto no parágrafo anterior. Dois dos entrevistados afirmaram já ter realizado diversos tipos de trabalhos que eram alternados com momentos em que não trabalhavam, fato este que é observado até os dias atuais, porém, agora conseguindo realizar apenas as formas mais precárias de trabalho. Outros dois apresentaram como característica principal a execução de trabalhos instáveis, principalmente bicos em lavouras para a colheita agrícola. Há ainda o relato de um quinto indivíduo que indica uma proximidade com atividades de mendicância e auxílio de órgãos assistenciais.

O caso dos andarilhos se apresenta como um fenômeno bastante complexo e também diferenciado, pois, estes não se comportam como aqueles que fazem parte das populações em situação de rua fixas, como apresentado por Brognoli (1996) ao afirmar que a população em situação de rua que não apresenta a errância como uma de suas características realiza trabalhos eventuais com menos frequência do que os andarilhos.

Tal diferenciação pode ser explicada se supormos que parte dos andarilhos se coloca no trecho justamente para aproveitar a sazonalidade das colheitas nas diversas regiões do país, o que podemos considerar como um fator que caracteriza essas pessoas.

Porém, com tantos relatos acerca da importância do trabalho na vida desses sujeitos, há de se destacar, porém, uma pesquisa realizada por Peres (2001, p. 70) que apresenta resultados que aparentam estar na contramão das afirmações apresentados por outros autores. Para este autor, dentre seus entrevistados, cerca de 73,3% dos andarilhos indicaram ter na mendicância sua principal forma de subsistência no trecho e apenas 23,7% relataram a busca por pequenos trabalhos temporários para garantir a sobrevivência nas estradas.

Esses números contrastam com aquilo que foi aferido durante os trabalhos de campo onde todos os indivíduos abordados preferem ter no trabalho sua fonte de manutenção com a maioria deles tendo a mendicância ou a busca por formas de assistência social como uma opção secundária, mostrando que a referida pesquisa

citada no parágrafo anterior parece ser um ponto fora da curva, mas que ainda assim é importante ser apresentada para demonstrar que essa discussão é unânime e pode apresentar variações, haja visto que essas populações são bastante heterogêneas e não podem ser consideradas como um grupo único e buscar sempre evitar generalizações.

5 METODOLOGIA

O presente trabalho buscou sua fundamentação por meio pesquisas bibliográficas com revisão de literatura e em atividades práticas realizadas durante os trabalhos de campo.

Foi composto pelas seguintes etapas:

a) *Revisão bibliográfica*: consistiu na seleção de materiais extraídos de livros, periódicos e textos digitais que foram lidos, resenhados e interpretados de forma crítica, servindo de suporte ao entendimento de conceitos e estabelecimento de discussões que são essenciais para a pesquisa.

Dentro os autores analisados, destacam-se aqueles que analisam detalhadamente a questão dos andarilhos ou de pessoas em situação de rua, sendo estes textos a base para algumas definições e afirmações que norteiam todo o processo de pesquisa. Peres (2001), Nascimento (2008), Leite e Alves (2015), Prates, Prates e Machado (2011), Justo et al (2013) e também Brognoli (1996) são importantes autores que pautaram o debate, além de Tiengo (2018) que realiza um importante e detalhado relato sobre as relações entre o fenômeno das populações em situação de rua como consequência do capitalismo. Houve ainda a preocupação de estruturação do estudo com base em análises de autores clássicos da Geografia para verificação das relações entre errância e trabalho, bem como mobilidade, crise do trabalho e mobilidade do trabalho, com destaque para Sorre (1984), Gaudemar (1977) e Vainer (1984).

b) *Trabalho de campo*: não há dúvidas de que esta sempre foi uma das etapas mais importantes da pesquisa. Foram os momentos de contato direto com os andarilhos e que permitiram tanto a realização de entrevistas quanto a observação direta desses sujeitos com as condições a que estão submetidos em seus cotidianos.

Para essa etapa do estudo foi fundamental a construção de uma base teórica sólida para dar aporte e nortear as atividades, tudo isso a partir de leituras e análises críticas de dois importantes autores da Geografia que defendem e sustentam suas ideias sobre a importância do trabalho de campo ao definirem algumas diretrizes para o melhor aproveitamento das pesquisas. São eles Kaiser (2006) e Lacoste (2006), além do embasamento nos escritos de Büll e Bernardo (2011) e também de Brognoli (1996) que fez importantes apontamentos sobre realização de contatos e abordagens no formato de entrevistas etnográficas.

Durante as saídas de campo foram realizadas entrevistas que permitiam que as conversas não se restringissem apenas a questionários e possibilitassem também a livre expressão dos sujeitos abordados. Essa forma de condução das abordagens geralmente estabelece relações mais estreitas entre pesquisador e seus interlocutores (LACOSTE, 2006, p. 83), sendo composto por entrevistas informais que não necessitam de estruturação e elaboração de questões prévias, mas sim, que permitam a realização de conversas sem uma direção única a ser seguida, sem roteiros e com temas que permitam aos entrevistados estarem à vontade para relatar o que considerarem necessário (BÜLL; BERNARDO, 2011), assim como observações livres e participantes que permitam a restauração das memórias individuais dos participantes (BROGNOLI, 1996).

É preciso ressaltar a dificuldade de estabelecer um local específico para as abordagens, pois, como exposto por Brognoli (1996, p. 10), esse é um grupo composto por indivíduos solitários e espalhados espacialmente, sendo-lhes inerentes a fluidez, a dispersão e a fragmentabilidade.

As entrevistas aqui apresentadas ocorreram na rodovia Fernão Dias, mais especificamente nos municípios de Mairiporã e Atibaia, além de duas entrevistas realizadas no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) da Prefeitura Municipal de Mairiporã.

Buscou-se questionar os andarilhos, basicamente, quanto a sua origem, locais por onde já passaram, trabalhos já realizados antes e durante a vida nas ruas, formas de sustento pelo trecho, fatores que contribuíram para que se tornassem andarilhos, rotina no trecho, relação com outros andarilhos e com moradores fixos das localidades por onde passam e como era sua vida antes. Entretanto, o cerne dessas conversas foi a livre exposição daquilo que esses sujeitos acharam conveniente expor, pois, como menciona Kaiser (2006, p. 100), há diferenças entre observar para tentar compreender, registrar e interpretar os fenômenos e ir à pesquisa como se fosse uma ida a um zoológico ou safári, e isto esteve bem evidenciado desde o início do preparo desse trabalho onde ouvir e dar voz e visibilidade aos abordados foi mais importante do que apenas apresentar-lhes questionários ou colocar os mesmo frente a um gravador de modo impositivo e intimidador.

Como escreve Kaiser (2006, p. 93) citando Mao Tsé-tung “[...] sem pesquisa de campo ninguém tem direito a falar. [...]” e é justamente em razão de tal preceito que além de todo o referencial teórico, que é de extrema importância para a discussão e

o desenvolvimento do trabalho, as saídas de campo tornaram-se a base para esta pesquisa, pois, como mencionado por Lacoste (2006, p. 91), os trabalhos de campo para os geógrafos são fundamentais.

A associação entre campo e pesquisa bibliográfica exerce também grande importância, já que, ainda de acordo com o autor supracitado, a observação no campo corresponde à grande escala, permitindo apenas que parte dos fenômenos sejam apreendidos, o que torna fundamental a articulação entre campo e a literatura estudada, além de ser necessário saber articular as escalas desses fenômenos, tendo em vista que a pesquisa pode também partir de abstrações já elaboradas, surgidas de pesquisas teóricas (LACOSTE, 2006, p. 91).

Somente conhecendo o objeto, seja ele de caráter físico ou humano, é que podemos confirmar ou negar aquilo que foi visto na teoria, ou, até mesmo, criar novos conceitos com o que foi visto, adaptar os textos e discussões à realidade.

Para que se conheça um fenômeno com sucesso, é preciso entrar em contato com o mesmo, vivê-lo e praticá-lo dentro do meio em que se encontra o próprio fenômeno (LACOSTE, 2006, p. 94). Somente conhecendo a realidade do que pretendemos discutir é que teremos propriedade e confiança para discutir o tema de modo mais assertivo e isso só pode ser feito conhecendo minimamente aquilo que será o alvo do estudo, levando sempre em consideração que a pesquisa de campo é um meio e não um objetivo em si mesmo, ainda de acordo com Lacoste (2006, p. 94).

Obviamente que não é possível considerar isso como um momento de imersão nas realidades dos andarilhos, mas sim, uma situação que nos possibilitou a oportunidade de troca de informações e experiências que, mais do que a realização de uma entrevista, foi também o momento de mostrar preocupação e reconhecer a importância desses sujeitos, mostrar-lhes que, caso necessitem e queiram, haverá pessoas para apoiá-los.

6 TRABALHO DE CAMPO: RESULTADOS, IMPREVISTOS E DIFICULDADES

Apesar da indiscutível importância das leituras e debates estabelecidos com os autores durante a revisão bibliográfica, não há como negar o papel de destaque que os trabalhos de campo tiveram no desenvolvimento desta pesquisa.

Antes de qualquer coisa, há de se ressaltar as dificuldades ocasionadas pela interferência de quase dois anos de uma pandemia que afetou praticamente a totalidade de nossas atividades, principalmente aquelas que envolvessem o contato direto com outras pessoas. Durante esse período houve a total interrupção das atividades externas que vinham acontecendo, além da não possibilidade de realizar qualquer nova intervenção mesmo com as aberturas parciais que ocorreram no decorrer do ano de 2021, principalmente por se tratar de pessoas em extrema vulnerabilidade nos mais diversos aspectos, inclusive, nas questões de saúde e sanitárias, não sendo, portanto, correto aumentar ainda mais os riscos e possibilidades de contraírem quaisquer tipos de contaminações.

Não seria sensato que se realizassem tais atividades se o que está em risco são vidas e a saúde tanto dos indivíduos pesquisados quanto do pesquisador e das pessoas com as quais manteríamos contato mais próximo durante esse período, afinal, as chances de transportar e espalhar o vírus da COVID-19 para diversos ambientes seria bastante alto.

Com o reestabelecimento das condições necessárias para a superação dessa fase da pesquisa, nos deparamos também com as dificuldades em estabelecer contato com sujeitos que têm como sua principal característica a errância, fato este que se mostrou como uma tarefa com inúmeras dificuldades e restrições. Tendo em vista que na maioria dos casos não é possível encontrar os mesmos em pontos fixos, a busca por essas pessoas aconteceu quase de forma aleatória com a realização de deslocamentos pelas rodovias e estradas que estavam dentro do recorte espacial proposto para a pesquisa.

Por mais que se tentasse estabelecer locais de possível encontro com esses sujeitos, essa opção não obteve os resultados esperados, principalmente pela ausência de instituições que se dediquem ao atendimento desse público, tendo os mesmos que buscar por auxílios em locais que atendam pessoas em situação de rua que mantém suas posições fixas dentro das áreas urbanas e centrais dos municípios

que cruzam, tais como centros de acolhimento e Centros de Referência de Assistência Social (CRAS).

É importante destacar também as dificuldades do contato com os poucos abordados. Na maior parte dos casos, quase a totalidade, essas pessoas, apesar de serem bastante receptíveis e solícitas, aceitam conversar e até relatar algumas situações e experiências, porém, não se sentem confortáveis para que essas informações sejam utilizadas em uma pesquisa, como vivenciado e observado durante a realização das abordagens aos poucos andarilhos encontrados durante os trabalhos de campo.

Tal fato levantou uma série de questionamentos acerca dessas desconfianças por parte dos andarilho e parecem que essas atitudes estão relacionadas principalmente com a descrença nas políticas e ações dos órgãos públicos que muitas vezes agem apenas de modo a coibir a circulação e até mesmo a entrada desses sujeitos nas cidades, conforme observado e descrito por Justo et al (2013, p. 112-115) e também por Nascimento e Justo (2016, p. 287-290).

Devemos questionar também sobre as estratégias para realização das intervenções em campo. Possivelmente, deslocar-se pelas estradas em busca de encontros esporádicos, quase sempre de modo aleatório, não seja o melhor meio de estabelecer contato com alguém.

Pois então, qual seria a melhor forma de encontrar com essas pessoas se as mesmas não permanecem paradas por mais do que algumas horas ou apenas um pernoite em um único local? Portanto, nesse caso, não haveria outra opção que não fosse a realização desses deslocamentos.

A escolha por essa forma de abordagem foi baseada na pesquisa de Brognoli (1996, p. 18-19) onde o mesmo dividiu o trabalho de campo em três etapas, sendo uma delas pautada em abordagens ao longo de uma rodovia (BR-101) no estado de Santa Catarina, entre os municípios de Palhoça e Biguaçu. Para a efetivação de suas entrevistas, o autor buscou por esses sujeitos principalmente em postos de gasolina, restaurantes, bares e postos da Polícia Rodoviária Federal.

Outra alternativa seria optar por métodos semelhantes ao utilizado por Nascimento (2008, p 21) em sua pesquisa também relacionada com andarilhos de estrada, onde, para a efetivação de seus estudos, o autor realizou entrevistas em uma única localidade, uma instituição denominada Centro de Triagem e Encaminhamento do Migrante (Cetrem), no município de Assis, interior do estado de São Paulo.

Nesse caso, o autor teve a oportunidade de esperar a chegada dos andarilhos no local, tendo em vista que os mesmos tinham o costume de procurar a referida instituição na busca de auxílios diversos. Essa possibilidade de realização das entrevistas em pontos fixos também sempre esteve dentro dos planos de desenvolvimento de nossa pesquisa, mas sendo considerada como uma forma de abordagem secundária. No entanto, ao entrar em contato com diversos departamentos e secretarias municipais das localidades dentro da área definida para a pesquisa, não obtivemos respostas em nenhuma das solicitações. As tentativas de contato tiveram início desde as primeiras etapas de desenvolvimento da pesquisa, em meados do ano de 2019, sendo os mesmos retomados no final de 2021 e novamente no início de 2022, porém, nunca obtiveram êxito.

O mais próximo dessa forma de trabalho que pôde ser realizada foi durante a participação em um projeto artístico desenvolvido no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) do município de Mairiporã onde, por acaso, tivemos a oportunidade de entrevistar dois andarilhos que buscaram por auxílio no local, possivelmente por indicação de outras pessoas em situação de rua ou em vulnerabilidade social que costumam permanecer no centro da cidade, principalmente nos arredores do terminal rodoviário que está localizado muito próximo da rodovia Fernão Dias.

O CREAS é um espaço que visa o atendimento de casos extremos que necessitem de auxílio do serviço social municipal, nele são atendidas muitas pessoas em situação de rua, usuário de drogas, famílias com históricos de violências e abusos, dentre outros. As principais atividades, ao menos pelo que foi observado, são os cadastros dessas pessoas para o recebimento de benefícios sociais, a distribuição de marmitas, doação de roupas, a promoção de palestras diversas, o encaminhamento para vagas de empregos em empresas e instituições parceiras e, mais recentemente, uma tentativa de oferecimento de cursos e oficinas artísticas e culturais.

No caso de pessoas que estejam apenas de passagem pelo município, sejam andarilhos ou não, a principal tarefa da instituição é embarcar os mesmos em ônibus intermunicipais que partem em direção aos municípios de São Paulo ou Atibaia.

Foi nesse momento, em dezembro de 2021, que tivemos a oportunidade de conversar com dois sujeitos que estavam em deslocamento no trecho e aceitaram conversar e descrever algumas situações que vivenciavam em seus trajetos. Essas duas pessoas se deslocavam juntas, partiram de Belo Horizonte, capital de Minas

Gerais, e caminhavam em direção aos municípios da região de Vacarias, no interior do Rio Grande do Sul, com o objetivo de realizar trabalhos temporários na colheita de frutas que se aconteceria na região.

O primeiro dos entrevistados atende pelo nome de Kris, é natural de São Paulo e apesar da pouca idade era o mais experiente na vida no trecho. Relatou que já havia se deslocado por longas distâncias, como na vez em que saiu de São Paulo e percorreu as estradas até chegar ao Nordeste.

Quando questionado sobre as motivações em manter esses constantes deslocamentos, relatou que é uma mistura de gosto pessoal, pois não se contenta em ficar muito tempo em um único lugar, com a necessidade de percorrer diversos municípios e estados em busca de trabalhos temporários, seguindo principalmente a sazonalidade das colheitas de diversos produtos agrícolas.

Já o segundo entrevistado era chamado apenas de Velho, parecia desconfiado com a abordagem e não se sentiu muito confortável para dar muitas informações, principalmente para compor uma pesquisa. Velho era menos comunicativo e comedido em suas respostas, limitou-se a dizer que era sua primeira vez no trecho e a motivação para tal era unicamente a busca pelas vagas nas colheitas da região para a qual se deslocavam.

Com a considerável experiência de Kris, o mesmo já tinha a noção de que na maioria dos municípios é possível encontrar entidades para obter alguma forma de auxílio, que nesse caso se limitou a uma marmita, a autorização de uso do banheiro coletivo para banhos e também o embarque no ônibus em direção à São Paulo para que os mesmos partissem em direção ao sul do país pela rodovia Régis Bittencourt (BR-116). Inclusive, de acordo com os relatos do entrevistado, apesar de ser característico desse grupo as caminhadas como forma de deslocamento, quando há a oportunidade de caronas ou do recebimento de passagens dos órgãos de assistências sociais, os mesmos aproveitam para “ganhar uns quilômetros” de trecho e “economizar pernas”.

Essas entrevistas foram acompanhadas pelo grupo de assistentes sociais do CREAS que, ao observar o interesse em entrevistar e obter informações sobre essas pessoas em situação de rua, gentilmente disponibilizou a base de dados de seus atendimentos para que pudéssemos analisar em busca de algo que poderia servir para a complementação da pesquisa, entretanto, nessas fichas arquivadas não

constavam informações que possibilitassem enquadrar os entrevistados como andarilhos, o que impossibilitou o uso das mesmas para os fins deste estudo.

Após ter encontrado com os dois sujeitos citados no referido local, foram realizadas outras tentativas de entrevistas na mesma localidade em outras datas, porém, nenhum outro andarilho passou pelo CREAS durante esses dias.

Voltando para as tentativas de abordagens nas rodovias, agora mais animado após as primeiras entrevistas obtidas, acreditava que entre dezembro de 2021 e os primeiros meses de 2022 seria possível realizar uma quantidade satisfatória de encontros para completar essa parte da pesquisa, no entanto, não foi que aconteceu e a volta aos deslocamentos em rodovias continuava a ser algo não garantido e com grandes possibilidades de insucesso.

Apesar de abordar algumas pessoas que estavam em deslocamento nos acostamentos, nem todas eram andarilhos, ou ao menos não se identificavam como tal. Nessas tentativas de entrevistas tentou-se não internalizar e nem nos basearmos em um estereótipo construído com a aparência dessas pessoas, algo que pareceu bastante comum nos trabalhos tanto de Nascimento (2008) quanto de Brognoli (1996). Isso fez com que todas as pessoas encontradas nos acostamentos fossem abordadas e questionadas sobre a possibilidade de serem andarilhos.

Foram cerca de 20 dias não consecutivos de saídas pelos locais definidos para a realização das entrevistas que se iniciavam pela manhã e duravam até o final da tarde. Essas saídas para percorrer as rodovias resultou numa quantidade razoável de abordagens, porém, apenas quatro dessas pessoas se identificaram como andarilhos, ou seja, que não estavam em deslocamentos esporádicos pelas rodovias. As demais abordagens foram com indivíduos que estavam caminhando pelas rodovias em direção a localidades próximas de suas residências e/ou trabalhos e utilizavam os acostamentos como parte dos seus percursos, da mesma forma como utilizavam outras vias.

Os andarilhos abordados se mostraram muito solícitos e simpáticos, além de terem demonstrado uma certa curiosidade sobre esse tipo de pesquisa, mas nenhum deles se sentiu suficientemente confortável para autorizar o uso de seus dados e respostas no trabalho de modo que fossem identificados.

Todas as entrevistas foram realizadas na rodovia Fernão Dias no trecho entre as cidades de Mairiporã e Atibaia, sendo três dos abordados em deslocamento no sentido São Paulo e um no sentido Belo Horizonte. Esses encontros ocorreram em

datas distintas e, tendo em vista que nenhum autorizou a divulgação de seus nomes e preferiram não utilizar nomes fictícios, serão identificados de acordo com a ordem das abordagens, ou seja, Sujeito 1 (S1), Sujeito 2 (S2), Sujeito 3 (S3) e Sujeito 4 (S4).

Mesmo as conversas não tendo seguido um roteiro fixo, algumas informações foram obtidas por meio de perguntas e questionamentos realizados pelo autor, porém, grande parte do que foi dito foram considerações ou assuntos que os próprios andarilhos optaram por relatar, o que resultou em um compilado de informações que variou bastante entre os entrevistados, conforme apresentado a seguir.

S1, o primeiro dos entrevistados nas rodovias, deslocava-se em direção a cidade de São Paulo e, segundo o mesmo, pretendia chegar na capital paulista para então definir se sua rota seria em direção ao Rio de Janeiro ou para o Paraná. Relatou que nesse seu último trajeto havia saído da região de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, foi até o estado de Minas Gerais e de lá chegou até a rodovia na qual se encontrava.

Apesar de não revelar a idade, aparentava ter entre 50 e 60 anos e disse estar no trecho há mais de 15 anos. Natural do interior do Paraná, passou boa parte de sua vida no interior de São Paulo, onde exercia atividades na roça. Por conta de brigas e desentendimentos com a família, abandonou seu lar e antes de sair em suas caminhadas sem fim viveu nas ruas das cidades próximas de onde residia anteriormente.

Durante seus deslocamentos, S1 relatou que não se sente confortável em praticar a mendicância, o que o força a viver de bicos e pequenos trabalhos executados principalmente nas proximidades das rodovias. Muitas vezes essas atividades não lhe garantem mais do que alguns trocados ou até mesmo apenas uma única refeição.

Ao ser questionado sobre suas perspectivas para o futuro, revelou que não se vê de volta à vida sedentária mesmo com todas as dificuldades da vida errante. Seus deslocamentos dificilmente são planejados com antecedência e em situações pontuais se dirige para determinadas localidades com a finalidade de executar algum tipo de trabalho mais específico.

Já o segundo entrevistado, S2, caminhava em direção a Belo Horizonte e relatou que suas caminhadas são sempre em busca de novas oportunidades de trabalhos, seja por indicação ou por saber que em determinados períodos encontrará mais oportunidades de bicos temporários em determinadas localidades. Para

sobreviver no trecho, além dos trabalhos, também conta com doações e esmolas, além da solicitação de auxílios em instituições e organizações não governamentais, no entanto, admitiu que não mediria esforços se tivesse a oportunidade de se estabelecer em algum lugar por meio da realização de trabalhos estáveis.

Apesar de gostar de viver no trecho, disse que as condições geralmente são precárias e não é raro deixar de suprir suas necessidades mais básicas como se alimentar e realizar higiene pessoal.

Sua aparência indicava ter não mais do que 40 anos de idade e estava na vida errante há aproximadamente 10 anos. Os motivos que relatou para o abandono da família são variados, indo desde a relação conturbada com o padrasto e até o uso abusivo de álcool que não demorou para evoluir para o uso de drogas. Ao deixar seu lar, S2 partiu direto para a estrada e tinha a impressão de que isso lhe traria mais liberdade, entretanto, em pouco tempo passou a enfrentar as dificuldades da vida no trecho.

Relatou ainda que sempre que possível passava em sua cidade natal para ver parte da família, mas não pousava por lá mais do que alguns dias e novamente caía na estrada para partir rumo a mais um trajeto que geralmente se restringia a estradas e rodovias do interior de São Paulo.

Após algumas tentativas rodando em busca de novos andarilhos, foi encontrado o terceiro entrevistado. S3 vinha da região de Campinas, passou pela rodovia Dom Pedro I e acessou a rodovia Fernão Dias para partir em direção a São Paulo onde residiu por muitos anos e ainda visitava com certa frequência para rever os filhos.

Antes de se tornar andarilho, trabalhou por muito tempo na indústria automotiva e agora se mantinha principalmente por meio de pequenos trabalhos eventuais executados geralmente nas beiras das estradas, em postos de gasolina, borracharias e restaurantes. Encontrava-se nessa vida há menos de 5 anos e admitiu que não tem a pretensão de voltar a se fixar em um novo local, pois, apesar das dificuldades da vida no trecho, achava essa condição melhor do que se continuasse a viver em regiões de favelas, como antigamente.

Por fim, o último abordado foi o que aparentou ser mais introspectivo e o mais difícil de extrair informações, mas, ainda sim, aceitou conversar e revelou alguns detalhes de sua vida.

S4 encontrava-se na condição de andarilho há quase 10 anos também e antes disso residia no interior de Minas Gerais com seus pais. Por muito tempo trabalhou e ajudava nas despesas da casa, porém, mesmo tendo boa relação com os familiares, não aguentava mais a vida sedentária. O entrevistado relatou que estava infeliz com as condições em que se encontrava e depois de ter tido contato com alguns indivíduos que caminhavam pelas estradas criou coragem para partir rumo ao desconhecido e sem saber como seria sua vida a partir daquele momento.

Aparentando certa impaciência e incômodo pela interrupção de sua caminhada, disse também que gosta de se deslocar quase que sem rumo, não é muito de fazer trajetos repetidos e já rodou por boa parte das estradas Brasil afora.

Ao ser questionado sobre como fazia para sobreviver nas estradas, S4 afirmou que é muito difícil encontrar qualquer tipo de trabalho, mesmo que dos mais precários, o que o força a conseguir boa parte daquilo que necessita por meio da mendicância, de doações e de entidades de assistência social, e que, apesar de não se sentir confortável com essa condição, é o que o salva nos constantes momentos de dificuldade.

Certamente que muitas outras informações poderiam ter sido extraídas dessas conversas, porém, acredito que o que foi relatado por essas pessoas e transcrito aqui de forma resumida é suficiente para construirmos algumas impressões e fazer as devidas associações, conforme foi realizado no decorrer de todo este texto.

Nesses relatos foi possível encontrar diversos pontos convergentes entre as seis entrevistas realizadas e as informações obtidas durante as leituras de estudos e pesquisas de autores que também tiveram contato direto com pessoas em situação de rua.

As declarações carregam uma riqueza e variedade de dados que coadunam com muito do que foi observado na literatura consultada, principalmente com o que diz respeito as formas de sobrevivência, as causas que influenciaram para tornarem-se errantes e também das relações que esses sujeitos tiveram e têm com o trabalho.

Há de se admitir que havia certa desconfiança em relação ao que seria encontrado em campo, não era possível imaginar que anos de leituras, estudos e relatos sobre essa temática seriam, de certa forma, confirmados e observados *in loco*. Não há como negar que, apesar de um baixo número de entrevistas, esses trabalhos de campo tiveram resultados bastante satisfatórios e que possibilitaram a concretização dessa pesquisa.

Conforme apresentado nos capítulos anteriores, o trabalho ocupa papel de destaque na maioria das pesquisas consultadas, até mesmo aquelas que não buscam analisar especificamente esse tema. Apesar de ter como um dos objetivos centrais deste estudo justamente as relações entre errância e crise do trabalho, os relatos dos andarilhos entrevistados surpreenderam em razão de tamanha semelhança ao que apresentam os inúmeros estudos realizados por outros autores.

Cada um dos sujeitos entrevistados carregava consigo um acumulado de experiências, trajetórias, dramas, dificuldades, aspirações e sentimentos, são pessoas simples e, de acordo com os relatos, desde antes do trecho já enfrentavam momentos conturbados em suas vidas, tendo isso sido acentuado com a vida errante nas beiras de estradas.

Mais do que coletar informações para a realização de um estudo, as saídas para os campos se mostraram como experiências únicas e transformadoras. Mesmo já tendo participado de vários outros trabalhos de campo durante toda a graduação, dessa vez a sensação de autonomia e responsabilidade ainda maiores fizeram com que fossem momentos de maior pressão, porém, de grande satisfação onde a oportunidade de contato com pessoas vulneráveis e que vivem de um jeito muito diferente daquilo que estamos acostumados foi o que mais impulsionou e motivou para a finalização dessa pesquisa.

Manter o distanciamento durante os trabalhos de campo é, indiscutivelmente, uma das coisas mais importantes para uma pesquisa, no entanto, não saber o momento de diminuir esse distanciamento também pode se mostrar ineficaz. Apesar de não poder deixar o lado emocional dominar, o contato mais próximo com essas pessoas criou uma certa identificação com os mesmos e com aqueles que estão em condições semelhantes às suas. Não há como negar que tal identificação se transformou em combustível para buscar novos momentos e oportunidades de voltar a estabelecer contato com esses sujeitos, conhecer cada vez mais não apenas suas características gerais, mas também o indivíduo em si e suas particularidades.

7 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ERRÂNCIA E ESPAÇO

Antes da definição do tema e a formulação das hipóteses trabalhadas no desenvolvimento da presente pesquisa, quando o que existia era apenas uma ideia ampla de estudar algo relacionado aos andarilhos, uma das primeiras possibilidades de relação que despertou interesse e que pretendia discutir era entre errância e espaço.

Tal associação aparentava ser bastante pertinente por supor que poderia haver certas peculiaridades na relação entre os sujeitos que estão em constantes deslocamentos e o espaço, pois, aparentavam não estabelecer contatos de mais de algumas horas com um mesmo local.

Apesar de ser comum encontrar estudos dentro da Geografia que abordam a temática de pessoas em situação de rua, não foram encontrados textos ou autores que tenham trabalhado com a relação entre errância e espaço. Entretanto, há de se ressaltar que dentro da Geografia há, digamos, uma certa tradição nos estudos migratórios, que é o que mais se aproxima da temática dos andarilhos.

Não por acaso, os autores que são a base para essa discussão são justamente aqueles usados para as análises sobre migrações e textos que discutem direta ou indiretamente a mobilidade humana.

Levando em consideração o que diz Vainer (1984), podemos nos debruçar sobre a importante ideia de que não há autonomia entre o espaço e os migrantes, há uma certa relação entre o espaço e esses sujeitos, e, ainda com base nos escritos do autor, não se trata de um espaço abstrato, mas sim, de algo concreto que é produzido por um determinado conjunto de relações em um dado contexto.

O processo migratório muda o lugar de onde o sujeito veio, muda o lugar onde o sujeito chega e muda o próprio sujeito, ou seja, não há um sujeito pronto em um espaço também pronto ou definido (VAINER, 1984).

Essa informação pode ser útil, primeiro, pelo fato de estabelecer uma relação direta entre sujeitos e o espaço, principalmente ao tratar de sujeitos em deslocamento. Então por que não estender tal associação ao caso dos andarilhos?

Em uma primeira análise, essas ideias parecem ser bastante gerais, não sendo aplicável apenas a migrantes, mas também para não migrantes.

O segundo ponto a que estas afirmações podem nos conduzir é sobre a possibilidade da mudança de escala nessa análise onde partimos da categoria mais ampla que é o espaço para outra categoria de maior³ escala, que é a categoria de lugar.

Aparentemente, estendendo a análise para a categoria do lugar, há uma espécie de aproximação também dos sujeitos em questão, tendo em vista que tal aumento de escala promove também análises mais específicas daquilo que acontece no dia-a-dia dos andarilhos, podendo ser uma forma de aprofundar as análises espaciais (SERPA, 2019, p. 82), ou ainda, pela possibilidade de a relação dos sujeitos com o espaço se fazer por meio dos diferentes lugares que ocupam e a relação que constituem com os mesmos, pois, como afirma Santos (2017, p. 314), podemos entender os lugares como uma forma de intermediação entre o mundo e os indivíduos.

Mais adiante, o autor segue com a afirmativa de que cada lugar, estando imerso em uma comunhão com o mundo, torna-se, em suas palavras, “[...] exponencialmente diferente dos demais” (SANTOS, 2014, p. 314), o que nos leva a considerar que mesmo podendo estar mais inseridos nesses pequenos recortes espaciais, os andarilhos não podem ser considerados desprendidos nem do espaço e muito menos da totalidade do mundo.

Apesar das variadas possibilidades de definição da categoria de lugar, é inegável considerar que esse conceito é carregado de significados de caráter particular pautados nas relações entre pessoas e entre estas e os espaços que ocupam. Ainda seguindo o que descreve Serpa (2019, p. 81), o lugar é base para a reprodução da vida cotidiana e é influenciado pelas várias visões de mundo, bem como, se levarmos em consideração uma análise de cunho marxista, é também onde se encontram as variadas versões do processo de reprodução do capital pelo mundo.

O referido autor complementa ainda dizendo que agimos sempre a partir de um lugar, e que tais ações são responsáveis pela construção de um enredo (SERPA, 2019, p. 81). Esse enredo pode ser entendido como a constituição de nossos cotidianos, ou seja, é carregado de particularidades e individualidades, é uma construção baseada na pessoalidade. Ao mesmo tempo, há de se considerar que os lugares podem também influenciar na reprodução da mobilidade do trabalho, talvez

³ Lembrando que, levando em consideração os preceitos cartográficos a que se referem estes conceitos, quanto maior a escala, maior o nível de detalhamento e menor a área compreendida.

por meio da intercambialidade que esses lugares podem proporcionar para que tal fato ocorra.

Tal interpretação implica considerar que o lugar para o errante pode ser entendido como uma porção do espaço ainda mais variável, pois, além das particularidades e pessoalidades dos sujeitos, há de se considerar também a variabilidade espacial, tendo em vista que cada passada destes pelos acostamentos os coloca em uma nova porção do espaço, em um novo lugar. Porém, levar à cabo essa forma de interpretação contradiz a base materialista proposta por Sorre (1984), seria como a negação da existência do habitat, o que nos leva a questionar se para esses sujeitos não existe habitat ou se, na verdade, seu habitat são as estradas e rodovias por onde passam.

Se considerarmos um meio de interpretar essa afirmativa de modo mais amplo e generalista, poderíamos dizer então que o lugar do andarilho são as estradas. Porém, afirmar isso pode nos levar para uma interpretação que se apresente como simplista, tendo em vista que esse modo de pensar pode resultar generalizações que prejudiquem a interpretação acerca dos andarilhos. Seria o equivalente a dizer que todos aqueles que residem, por exemplo, em cidades distintas possuem as mesmas características e sob as mesmas influências e condições, já que estão inseridos em um mesmo tipo de espacialidade, o que, obviamente, não é a realidade e assim como existem similaridades, há também as particularidades que devem ser sempre levadas em consideração.

Santos (2017, p. 322) diz que os lugares são tanto uma referência ao pragmatismo do mundo quanto o grande teatro das ações humanas. Isso pode ser entendido como o que foi exposto anteriormente, de modo a considerar os lugares como um reflexo das totalidades e das pessoalidades, é o todo e o individual agindo para a conformação e caracterização dessas porções do espaço. Seguindo ainda as considerações do autor, podemos entender o lugar como um cotidiano compartilhado entre pessoas, firmas e instituições diversas (SANTOS, 2017, p. 322).

Por outro lado, talvez no outro extremo das ideias aplicadas à categoria de lugar, há de se considerar também o processo de desterritorialização que está inteiramente associado com a mobilidade dos homens, das mercadorias, dos produtos e até mesmo das ideias, que leva a um processo de estranhamento (SANTOS, 2017, p. 327-328). Esse processo parece ser o que mais se assemelha ao caso dos andarilhos, esse distanciamento e desprendimento de praticamente tudo e todos.

Desde os primeiros contatos com esse tema e, principalmente, por meio das poucas, porém, intensas conversas com andarilhos, a impressão que sobressaiu foi justamente esta que é ligada ao pressuposto do afastamento entre estes sujeitos e os espaços que ocupam, principalmente em razão de sua mobilidade e alta rotatividade.

Essa impressão coaduna com a ideia de que quando os sujeitos se deparam com um lugar em que suas histórias, memórias são desconhecidas e que não fizeram parte de sua construção, terá nesse lugar um espaço de alienação (SANTOS, 2017, p. 328). Mas Santos (2017, p. 329) vai além, ele afirma que a cultura do movimento está essencialmente associada a desagregação e anomia.

Enquanto realizava a caracterização e descrição dos andarilhos⁴ na apresentação de seu trabalho, Brognoli (1996, p. 15) faz uma breve referência ao processo de desterritorialização aproximando-o das discussões sobre errância. Para este autor, tal processo se resume simplesmente na ruptura entre lugar de origem e lugar de produção da vida social.

Este mesmo autor traz também um outro conceito que pode ser de interesse desta discussão, que é a ideia de *plurilocalidade* (BROGNOLI, 1996, p. 15) apresentada também na introdução de sua pesquisa. De acordo com o que se pode interpretar, tal conceito se apresenta quando há vários locais envolvidos na prática social. Apesar de mais uma vez carecer de análises mais profundas acerca desse termo, Talvez seja possível trabalhar essa ideia na discussão sobre errância justamente pelo fato de os andarilhos apresentarem como característica a interação com lugares variados, o que pode significar variabilidade também de suas práticas sociais de acordo com os locais em que se encontram.

Junto aos conceitos de desterritorialização e plurilocalidade, pode ser pertinente tratarmos da ideia de *não-lugar* (MARC AUGÉ, 1994 apud NASCIMENTO, 2008, p. 45), “da constante movimentação para lugar nenhum” (NASCIMENTO, 2008, p. 45). Segundo o autor, o conceito de não-lugar é caracterizado justamente pela efemeridade, provisoriedade e a não habitação de maneira estável, é o espaço em trânsito ocupado pelos viajantes, pelos transeuntes e também pelos andarilhos.

Tratar do não-lugar parece ser uma contradição, principalmente com as discussões apresentadas sobre o conceito de lugar e suas possíveis ligações com a

⁴ O termo usado pelo autor, na verdade, é *trecheiros*, que carrega o mesmo significado de andarilhos, ou seja, pessoas que possuem como uma de suas características os deslocamentos pelos acostamentos de estradas e rodovias.

errância. A ideia apresentada sobre o não-lugar apresenta tanto potencial para o debate quanto a de lugar, talvez seja justamente nessa contradição que se encontre a questão dos andarilhos, ou ainda, podem ser que esses sujeitos transitem entre esses dois extremos.

É inegável que ainda é preciso muita pesquisa para poder chegar a uma conclusão a respeito desse fato, será necessário que se debruce sobre ambos os conceitos para que se possa esmiuçar cada um dos seus detalhes e das possibilidades que venham a ser pertinentes para a discussão aqui estabelecida.

Durante os trabalhos de campo não foi levantada nenhuma questão que possibilitasse ter uma ideia mais consolidada acerca da relação entre os próprios andarilhos e os espaços que ocupam. É um tema que talvez necessite de uma abordagem mais delicada, tendo em vista a complexidade do tema. Ao que parece, o melhor modo de se constatar isso seria uma conjunção entre observações diretas e perguntas adequadamente formuladas para que os entrevistados tentem descrever com suas próprias palavras essa relação.

É inevitável para quem está inserido dentro dos estudos da Geografia observar e considerar como o espaço e suas variáveis estão inseridos dentro das pesquisas, e isso não foi diferente ao adentrar nesse universo que engloba as questões dos andarilhos. O espaço geográfico pode ser entendido como uma grande rede, constituído de distintas particularidades que compõem uma totalidade que está longe de ser compreendido apenas como mero palco ou suporte para a realização de eventos, portanto, é quase impossível dissociá-lo de qualquer tipo de discussão ou modo de interpretação da realidade.

Buscar estabelecer relações, ou pelo mesmo tentar entender se há alguma possibilidade de interação direta entre errância e espaço, pode ser um eficaz meio para discutir a questão dos andarilhos, principalmente quando a tentativa da pesquisa se baseia nas intersecções entre trabalho, mobilidade e errância. É importante tentar compreender melhor todos esses aspectos de maneira associada e não apenas isoladamente, pois, para este trabalho, entende-se que a Geografia e suas análises são pautadas justamente pela consideração da totalidade das relações, de particularidades que interagem e se associam de modo a formar complexos eventos que para serem compreendidos eficazmente não podem ser tratados isoladamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lidar com pessoas em situação de rua é sempre muito complexo e delicado, pois, em diversos momentos é difícil não se envolver com suas histórias e trajetórias de vida, o que subverte a maioria dos manuais de pesquisas que sustentam a ideia de uma relação um tanto distante entre sujeitos/objetos e pesquisadores.

A proposta inicial da presente pesquisa era investigar se havia algum tipo de relação entre errância e trabalho, com ênfase nas discussões acerca da mobilidade e da crise do trabalho. Concomitante a isso, pretendia-se também entender como era a vida dos andarilhos de estrada durante seus deslocamentos, como sobreviviam e, principalmente, a relação destes com o trabalho, tanto atualmente quanto antes de caírem no trecho.

Visando o contato direto com os andarilhos, a pesquisa foi planejada para que seu enfoque central fossem os trabalhos de campo para entrevistá-los em acostamentos de estradas e rodovias. Essas entrevistas resultaram em depoimentos de 6 sujeitos, sendo 4 nos acostamentos da rodovia Fernão Dias e mais 2 que buscaram auxílio no CREAS do município de Mairiporã. Com o uso de entrevistas etnográficas, foram colhidos os depoimentos apresentados no decorrer deste texto em associação com as informações obtidas por meio da revisão bibliográfica.

Essa revisão de bibliografia também foi uma importante etapa no desenvolvimento da pesquisa, pois, foram os textos e autores apresentados que serviram como base para as discussões e considerações construídas na elaboração do produto final que está sendo aqui apresentado. Diversos autores de variadas áreas foram analisados, sendo cada conjunto de autores e textos de grande relevância tanto para cada um dos trechos específicos quanto para o trabalho como um todo.

Conforme apresentado em diversos estudos analisados, há uma estreita relação entre os andarilhos de estrada e algumas questões acerca do trabalho, principalmente no que diz respeito a crise do trabalho, seja como um dos fatores que contribuíram para que passassem viver nas beiras das estradas ou ainda como um dos principais meios de se manterem em seus deslocamentos sem fim. Essa questão, que foi a hipótese inicial da pesquisa, mostrou-se plausível não apenas na literatura apresentada, mas norteou as conversas e apareceu em todas as entrevistas dos abordados nos trabalhos de campo.

Sendo assim, podemos considerar que é muito difícil tratar da temática dos andarilhos de estrada sem entrar nas discussões que envolvam o trabalho e também suas crise e mobilidade.

Apesar de não ser apresentada nenhuma conclusão ou resposta para muitos dos questionamentos levantados, o texto buscou estabelecer algumas discussões que podem ser a base para futuros trabalhos que deem continuidade a essa proposta de pesquisa de modo a aprofundar algumas dessas observações, relatos e comparativos realizados.

O tema aqui tratado não apresenta grande difusão no meio acadêmico e, se considerarmos apenas as pesquisas em Geografia, a escassez é ainda mais acentuada.

O que pode despertar o interesse por esse tema dentro dessa ciência são justamente as premissas de relações que tais sujeitos estabelecem com o espaço, visando a verificação de possíveis diferenciações nessa relação ao compararmos com as populações sedentárias.

Por mais que, ao realizarmos uma pesquisa, estejamos quase sempre em busca de respostas, é importante considerar também a relevância das dúvidas e questionamentos que podem surgir ou serem construídas no decorrer do estudo, um trabalho pode perfeitamente cumprir seu papel informativo mesmo sob tal condição.

E que essas dúvidas sejam o início de um longo caminho a ser percorrido, que este texto seja a página inicial de uma nova história a ser criada e, principalmente, que possa mostrar algum meio de beneficiar os sujeitos centrais dessa pesquisa, que seja uma forma de auxílio aos andarilhos mesmo que indiretamente, pois, este trabalho será falho e inútil se atender apenas aos interesses da academia deixando em segundo plano os sujeitos que a ele dão vida.

Por fim, aqui se encerra esse trabalho que carrega em si todas as vivências e experiências acumuladas em uma rica bagagem de vários anos de um curso que poderá ser a ponte para novas empreitadas, seja na academia ou em quaisquer outros lugares e preferencialmente dando voz e visibilidades àqueles que têm ou tiveram essa mesma oportunidade.

REFERÊNCIAS⁵

- ANDRADE, Margarida Maria de. Industrialização, urbanização e a vida de bairro na São Paulo além-Tamanduateí. In: CARLOS, Ana Fani; OLIVEIRA, Ariovaldo Umberlino de. (orgs). **Geografias de São Paulo**: representação e crise da metrópole. São Paulo: Contexto, p. 171-191, 2004.
- BROGNOLI, Felipe Faria. **Trecheiros e pardais**: estudos etnográficos de nômades urbanos. 1996. 201 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BÜLL, Sandra; BERNARDO, Márcia Hespanhol. Aproximações e distanciamentos: novos e velhos trecheiros. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 14, n.2, p. 311-324, 2011.
- DAMIANI, Amélia Luiza. Urbanização Crítica e Situação Geográfica a partir da Metrópole de São Paulo. In: CARLOS, Ana Fani; OLIVEIRA, Ariovaldo Umberlino de. (orgs). **Geografias de São Paulo**: representação e crise da metrópole. São Paulo: Contexto, p. 19-58, 2004.
- GAUDEMAR, Jean-Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa; Estampa, 1977.
- HEIDEMANN, Heinz Dieter. **O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio**. Petrópolis: Vozes, p. 15-33, 1998.
- JUSTO, José Sterza et al. Políticas públicas de mobilidade e assistência a itinerantes: o caso dos trecheiros. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 13, p. 105-120, 2013. Número especial.
- KAISER, Bernard. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 93-104, 2006.
- LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 77-92, 2006.
- LEITE, Umbelina do Rego; ALVES, Valéria Cristina de S. F. Perdidos no tempo e no espaço: um estudo do perfil, da perspectiva de tempo e da importância das relações familiares de andarilhos em comparação a moradores. **Revista Online UniRV**, Rio Verde, ano 1, n. 1, jan. 2015.
- MORAES, Antonio C. R. de. **Geografia**: pequena história crítica. São Paulo: Annablume, 2007.

⁵ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do. **Nomadismos contemporâneos**: um estudo sobre errantes trecheiros. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política – Livro I. São Paulo: Boitempo, 2017.

PERES, Rodrigo Sanches. Andarilhos de estrada: estudo das motivações e da vivência das injunções características da errância. **Psicologia USF**, v. 6, n. 1, p. 67-75, jan./jun. 2001.

PRATES, Jane Cruz; PRATES, Flavio Cruz; MACHADO, Simone. Populações em situação de rua: os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento. **Temporalis**, Brasília, ano 11, n. 22, p. 191-215, jul./dez. 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2017.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos**: Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SNOW, Davi; ANDERSON, Leon. **Desafortunados**: um estudo sobre o povo da rua (S. Vasconcelos, Trad.) Petrópolis: Vozes. 1998.

SORRE, Maximilien, Migrações e mobilidade do ecúmeno, in _____ **Geografia**, São Paulo: Ática, p. 124-139, 1984.

VAINER, Carlos Bernardo. Trabalho, espaço e estado: questionando a questão migratória. **Cadernos PUR**, v.1, n. 1, p. 6-43, 1984.

TIENGO, Verônica Martins. O fenômeno população em situação de rua enquanto fruto do capitalismo. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 138-150, jan./jul. 2018.